

O ENVELHECIMENTO ATIVO E A INCLUSÃO DIGITAL – a responsabilidade social da Universidade

ACTIVE AGING AND DIGITAL INCLUSION - the social responsibility of the University.

Rouseane da Silva Paula Queiroz¹
Pauleany Simões Morais²

Grupo Temático 1. Conteúdos educacionais – da produção à exibição.
**Subgrupo 2.2. – Acessibilidade – os desafios e as soluções para a inclusão
por meio das tecnologias.**

Esta pesquisa surgiu no contexto da EdUCA – Escola de Extensão da UERN – no Campus de Natal. A investigação aqui ora apresentada tem o propósito de compreender a relação que pessoas em processo de envelhecimento, em especial, idosos estabelecem com as tecnologias da informação e comunicação (TICs), na EdUCA, nas turmas de Inclusão Digital. Para realização da pesquisa, assumimos como fundamentos os estudos sobre envelhecimento humano e as discussões sobre inclusão digital. Do ponto de vista metodológico, utilizamos as entrevistas semiestruturadas, bem como a análise do conteúdo do discurso. Os sujeitos revelaram que a inclusão digital para esses sujeitos trouxe relevantes conquistas, no que diz respeito à qualidade de vida, tais como: o usufruto dos benefícios digitais; a integração social por meio do acesso às redes de comunicação. A superação em ultrapassar os condicionamentos culturais impostos, o acesso ao conhecimento e a outro espaço relacional, revelaram-se elementos fundamentais para a promoção da autonomia e autoestima.

Palavras-chave: envelhecimento; extensão universitária, inclusão digital, tecnologia

Abstract:

This research appeared in the context of EdUCA - School of Extension of UERN - in the Campus of Natal. The project aims to analyze the relationship that people in the aging process, in particular as the elderly, establish with information and communication technologies (ICTs), at EdUCA, based on their motivations. Based on human aging and discussions on digital

¹ Doutora em Educação. Docente da Universidade do Estado do Rio G do Norte (UERN)

² Doutora em Educação Docente do Instituto Federal do Rio G do Norte (IFRN)

inclusion. From a methodological point of view, we used semi-structured interviews, as well as the analysis of the discourse content. In old age, there are losses, but development possibilities are also protected. Losses and gains occur at all stages of an individual's life. Where there is life, there is development and learning. The subjects revealed that they understand technology and digital tools as something useful, they believe that mastering them can bring benefits, such as autonomy and greater social interaction. The digital inclusion for these subjects brought relevant achievements for this segment, with regard to quality of life, such as: the enjoyment of digital benefits; social integration through access to communication networks. The overcoming in overcoming the cultural conditions imposed socially, the access to knowledge and to another relational space, revealed to be fundamental elements for the promotion of the autonomy and self-esteem.

Keywords: *Aging, University extension, Digital inclusion, Technology*

1. O envelhecimento na sociedade informacional

O envelhecimento da nação brasileira e suas consequências ao cenário do nosso país, trouxe consigo preocupações com a conquista da longevidade, nem sempre com qualidade, bem como, a reforma no sistema previdenciário. A velhice é um fenômeno que desperta esse sentimento de ambiguidade de conquista e temor, de qualquer maneira, não é mais possível ignorá-lo em nosso país. Essa realidade cada dia mais expressiva em números demanda a discussão sobre as questões pertinentes à qualidade de vida. Palacios (2008) e Neri (2013) ao abordarem aspectos relacionados ao desenvolvimento cognitivo na idade adulta e na velhice, bem como, na aquisição de conhecimentos, como elementos fundamentais para uma melhor qualidade de vida mencionam esses aspectos.

O envelhecimento populacional, em números absolutos e relativos, é um fenômeno mundial. Em 1950 eram cerca de 204 milhões de idosos no mundo e, em 1998, quase cinco décadas depois, este contingente alcançava 579 milhões de pessoas, um crescimento de quase 8 milhões de idosos por ano. Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.), as projeções indicam que, em 2050, a população idosa será de 1,9 bilhão de pessoas, ou seja, um quinto da população mundial. Discorreremos sobre um adulto que é ignorado tanto pelas políticas previdenciárias, sanitárias quanto

educacionais. Longevo que não possui espaço para renovação e atualização dos seus conhecimentos, no âmbito público e estatal.

A Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) localiza-se em Natal, na Zona Norte da cidade, no bairro Potengi. A escola de Extensão³ consiste num espaço para o oferecimento, de forma regular e contínua, de cursos de extensão, num órgão suplementar a Pró-Reitoria de Extensão (PROEX). A EdUCA desempenha um papel fundamental para a inclusão social, por meio dos cursos de extensão, são diversos os cursos oferecidos, desde a inclusão digital à prática de atividades físicas direcionada para esta faixa etária.

Neste contexto, as pessoas pertencentes às camadas populares, são duplamente excluídas, são adultos, em processo de envelhecimento, que estão à margem da sociedade que não tiveram acesso aos bens culturais e simbólicos, ao longo das suas vidas, durante o período laboral, e atualmente compõem uma parcela da população que aumentou expressivamente, nas últimas duas décadas: os idosos.

No século XXI, com o estabelecimento da sociedade informacional, os estudiosos definiram dois tipos de inclusão digital: a espontânea e a induzida. A inclusão espontânea é uma inserção compulsória dos indivíduos na sociedade da informação. Nas metrópoles contemporâneas, vimos acontecer com a chegada dos caixas eletrônicos nos bancos, com a necessidade de aprender a usar *smart cards* em ônibus, o envio de imposto de renda pela internet, votação eletrônica em eleições, o uso de SMS e outros serviços via celular. Já a inclusão induzida, segundo Lemos (2011), é resultado de um trabalho educativo de políticas públicas que visam oportunizar a uma grande parcela da população excluída do uso e dos benefícios da sociedade da informação. É o que conhecemos por projetos de inclusão digital.

De acordo com Neri (2013), a velhice impõe receios e restrições, porque implica maior fragilidade e menor probabilidade de sobrevivência. O próprio símbolo usado nos estacionamentos para indicar vaga preferencial remete à dor e à limitação: um idoso apoiado numa bengala, inclinado pra frente com a mão apoiada nas costas indicando dor ou desconforto físico.

Há uma prevalência do modelo biomédico, em relação à velhice. Não se discute, continua a autora, a importância de rever as concepções

³ No país, identificamos Escolas de Extensão nas seguintes instituições: Universidade de Campinas (UNICAMP), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade do Estado de São Paulo (USP) e a Universidade Estadual Norte Fluminense (UENF).

negativas da velhice, pois é uma fase da vida onde há perdas, mas estão resguardadas possibilidades de desenvolvimento. Provavelmente, isso se deva à crença comum de que as perdas só ocorrem na velhice e os ganhos estão restritos às fases iniciais do desenvolvimento. Nessa mesma linha de raciocínio, para Palacios (2004, p. 372), a idade é uma variável vazia. A idade biológica é uma estimativa do lugar em que uma pessoa se encontra em relação ao seu potencial de vida. Tal conceito se relaciona com a saúde biológica e não tanto com a idade cronológica.

A investigação aqui ora apresentada tem o propósito de compreender a relação que os idosos estabelecem com as tecnologias da informação e comunicação (TICs), na EduCA, a partir das suas motivações, tal como estimar como a participação nos cursos interfere na qualidade de vida e no envelhecimento ativo desses. Como anunciado, inicialmente, o processo de exclusão dos indivíduos que se tornam inativos para o mundo do trabalho, os aposentados, é uma das motivações para esta investigação. Em específico, aqueles que se encontram na faixa etária de 45 a 65 anos, melhor dizendo, em processo de envelhecimento.

Ao aposentar-se o trabalhador experimenta o gradativo processo de desengajamento da dinâmica produtiva, porque a produção dos sentidos sobre a vida vincula-se à ideia do *fazer*. A velhice assim assume uma conotação negativa, na perspectiva da Teoria do Desengajamento na velhice formulada por Cunnig e Henry (1961) *apud* NERI (2013), os autores questionam a satisfação das pessoas idosas ao “possuírem uma função” e “serem úteis”, consideravam que há um afastamento, gradativo, entre as pessoas com 50 e 90 anos. Um afastamento mútuo entre a sociedade e essas pessoas. Conforme o aspecto da mutualidade, a teoria do desengajamento, postula que a sociedade se afasta das pessoas idosas na mesma proporção em que se afastam da sociedade.

2. Educa – escola de extensão da UERN

A Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) tem assumido, em cumprimento ao seu Estatuto, o papel de qualificar profissionais nas diferentes áreas do conhecimento, aptos para inserção social e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, bem como, promover a divulgação de conhecimentos que constituem o patrimônio da humanidade (BRASIL, 1997). Consiste ainda na única instituição pública de Ensino Superior localizada na Zona Norte, da cidade do Natal, com alcance para a região metropolitana.

Essa consiste numa das regiões administrativas que mais cresce apesar da segregação socioespacial. A despeito desse crescimento

populacional, a região é marcada pela exclusão social. A Diretoria de Extensão (DIEX) tem a finalidade de consolidar a Política de Extensão da UERN por meio da institucionalização das Ações e Unidades de Extensão.

A escola de Extensão consiste num espaço para o oferecimento, de forma regular e contínua, de cursos de extensão, num órgão suplementar a Pró-Reitoria de Extensão (PROEX). Ao longo do ano, ocorrem duas entradas, via edital, na ocasião desta investigação foram ofertadas vagas para alunos novos, nas modalidades de Dança, Música, Teatro, Inclusão Digital e Atividades Físicas .

A EdUCA desempenha um papel fundamental para a inclusão social, por meio dos cursos de extensão, são diversas as ofertas de ensino, desde a inclusão digital à prática de atividades físicas direcionada para esta faixa etária. Observamos que, entre todos os alunos, é crescente o número de pessoas idosas envolvidas nas mais diversas atividades da EdUCA: Dança (clássica e contemporânea), Música (Teclado, Violão, Musicalização), Teatro, Práticas corporais e Atividades Físicas (ginástica funcional, musculação) e as aulas de Introdução à Informática, bem como, as turmas de Inclusão Digital, essas foram desenhadas para adultos maduros.

3. Percurso metodológico

Para realização da pesquisa, assumimos como fundamentos a Praxiologia, de Pierre Bourdieu, bem como, os estudos sobre envelhecimento humano (NERI, 2013; PEIXOTO, 2005, PALACIOS, 2004) e as discussões sobre inclusão digital (PRETTO, 2011). Do ponto de vista metodológico, assumimos o paradigma interpretativo apoiados pelas correntes sociológicas - interacionismo simbólico, a fenomenologia e a etnometodologia - que convergem para o estudo da subjetividade humana e postula a interdependência entre o sujeito e o objeto. Esta pesquisa trata-se de um estudo exploratório desenvolvido com uma abordagem qualitativa.

Na pesquisa em questão, elegemos o estudo de caso, que se pode definir como o “exame de um fenômeno específico, tal como um programa, um acontecimento, uma pessoa, uma instituição ou grupo social. O estudo de caso tem uma natureza singular da investigação, é o fato de se situar numa unidade”. (SARMENTO, 2011). Nesta investigação, o estudo está circunscrito a uma das turmas de Inclusão Digital, ofertada no segundo semestre de 2018, no turno vespertino. Faz-se necessário informar que tal oferta estava dentro da oferta geral das turmas de Informática, essa foi desenhada para adultos maduros e idosos que apresentassem menor proficiência tecnológica. Nesse semestre, a oferta

consistiu em Inclusão Digital I (22 alunos) e Inclusão Digital II (7 alunos), no turno vespertino, e uma única turma também de Inclusão Digital (8 alunos), no matutino.

Para coleta de dados, utilizamos as entrevistas semiestruturadas com idosos participantes das turmas de Inclusão Digital. “Embora as experiências possam parecer únicas ao indivíduo, as representações de tais experiências não surgem das mentes individuais; em alguma medida, elas são o resultado de processos sociais” (BAUER; GASKELL; 2002, p.71). Por esse motivo, escolhemos realizar entrevistas porque os sujeitos investigados têm a inclusão digital em comum, e, possivelmente, carregam sentidos compartilhados à essa temática. Por isso, escolhemos uma análise que se atém ao sentido, ao aspecto semântico, em detrimento ao formalismo da língua, como busca descritiva, analítica e interpretativa do sentido.

Para o tratamento dos dados coletados, usaremos a análise categorial de conteúdo material discursivo das entrevistas. A análise de conteúdo assenta-se nos pressupostos de uma concepção crítica e dinâmica da linguagem. “Linguagem, aqui entendida, como uma construção real de toda a sociedade e como expressão da existência humana que elabora e desenvolve representações sociais no dinamismo interacional que se estabelece entre linguagem, pensamento e ação”. (FRANCO, p.14).

Do ponto de vista metodológico, elegemos o estudo de caso, numa perspectiva qualitativa, por sua natureza descritiva, que expõe características de determinado grupo, pode definir a natureza e estabelecer correlações. Realizamos, em dois momentos, numa sala de aula do próprio *campus*, as entrevistas semiestruturadas com os participantes das turmas de Inclusão Digital, para o tratamento dos dados coletados, usamos a análise categorial de conteúdo para a análise do material discursivo das entrevistas.

Num primeiro momento, fomos à sala de aula, explicamos os objetivos da pesquisa e convidamos os alunos. Na aula seguinte, ao término do horário, esperamos pelos voluntários, a participação desses foi por adesão. As entrevistas semiestruturadas foram gravadas com som e imagem, realizadas com 7 (sete) sujeitos. Dentre os questionamentos que nortearam esse momento foi quais os motivos para buscar um curso de Informática? Qual sua opinião sobre a relação da juventude com a tecnologia? Você consegue identificar alguma aprendizagem/avanço quanto ao domínio da tecnologia e se esse tem repercutido em sua vida?

Antes da realização da entrevista, os participantes foram convidados e orientados quanto à pesquisa e seus objetivos; em seguida, assinaram o Termo de Livre Consentimento (TLC). Participaram, por adesão, alunos com idade aproximadamente de 60 anos. Segue a caracterização dos sujeitos da pesquisa:

Tabela 01. Participantes da pesquisa

	Iniciais dos nomes, idade	Sexo	Escolaridade	Bairro
01	D. F. F. 62 anos	Masculino	Ensino médio	Pajuçara
02	Seu J. S., 57 anos,	Masculino	Ensino médio	Potengi
03	Dona A. P., 58 anos,	Feminino	Ensino médio	Nsa. Senhora da Apresentação
04	M. J. 59 anos,	Feminino	Ensino fundamental	Lagoa Azul
05	Seu J. M, 62 anos	Masculino	Ensino fundamental incompleto	Gramoré
06	Seu F. A. T. ,62,	Masculino	Ensino médio	Quintas
07	Seu R. J., 67 anos	Masculino	Ensino fundamental.	Potengi

Fonte: Dados da Pesquisa. Elaboração da autora, 2019.

A análise de dados e a construção da teoria estão estreitamente interligadas na pesquisa qualitativa. Desse modo, esses pacotes de software são instrumentos para mecanizar tarefas de organização e tratamento dos dados, relacionam-se à análise interpretativa de dados textuais.

4. Resultados

Na construção das categorias, identificamos, em nossa interpretação, uma maior frequência das seguintes categorias:

conhecimento, relação com a tecnologia e autonomia. A seguir, apresentamos alguns trechos das falas, como vimos no Quadro 2, a categoria conhecimento foi mencionada 11 (onze) vezes, selecionamos segmentos mais expressivos seguindo a regra da representatividade de Bardin (2010), que indica que a amostra representa o universo pesquisado. Assim, apresentamos a seleção abaixo no que diz respeito a categoria conhecimento:

De acordo com S04 – M.J. (59 anos):

Isso mesmo, pra aprender, pra não tá dependendo das pessoas, né... Tudo que eu precisava tinha que depender dos filhos, dos netos. Então eu procurei vim aprender pra evitar, ter meu conhecimento." - M.A.

E ainda afirma:

"Exato. E meus maiores fãs são meus filhos, né. Muita força, porque antes eu nem queria nem saber. Achava que não precisava, que isso era coisa de jovem. Eu pensava assim e até que ela dizia: não, mãe. Venha aprender que é bom. Porque sempre tem, né, é raro uma pessoa não ter hoje um computador em casa, né. Aí eu: não, quero não. Não quero aprender, não. Não tenho cabeça pra isso. E hoje eu sinto uma diferença enorme. E nós temos cabeça sim, e nós somos capaz sim. Por que não? E eu recebo tudo isso, todo dia: não, mainha. Vai ser bom. Nada é, né... Tudo é assim, tudo que a gente vai fazer é com dificuldade. A senhora vai chegar lá." - M. J.

Nas palavras de S05 - J. B. (62 anos)

Logo quando eu falei em casa que eu ia fazer um curso de Informática, eles disseram: 'tu vai pra onde, velho? Vai fazer o quê nessa idade? Porque eu vou tentar, né? Porque o pessoal fica botando a maior dificuldade é por isso que eu morro de pedir a vocês. Aí vamos vê se eu vou aprender, eu tô conhecendo aos poucos. Aí vou mostrar pra eles que véio tem que aprender um dia (...) que véio tem conhecimento também, é por isso que hoje estou aqui.

Nos segmentos apresentados, percebemos que esses idosos desejam dominar a informática para atividades cotidianas como consultar o Google Chrome, ler jornais, pagar contas, enviar e-mails ou se

comunicar com familiares por meio de aplicativos, bem como, ter acesso às redes sociais. Identificamos o movimento de busca de conhecimentos, do sair de si, um movimento de superação ante os desafios apresentados socialmente. Segundo Palacios (2004, p. 412), mesmo que a idade adulta seja, de certo modo, o cânone evolutivo de uma espécie, na psicologia, não há, a rigor, algo como um protótipo ou modelo normativo de desenvolvimento. No entanto, o bom senso estabelece juízos de valor: é melhor ser capaz do que incapaz; feliz do que ser infeliz.

Segundo Neri (2017), estudos sistemáticos, assim como observações colhidas em grupos de idosos ou entre famílias revelam que a tendência às imagens negativas da velhice, estão associadas a enfermidades e ao declínio físico e mental irreversível, à perda da autonomia e ao aumento da dependência. O próprio idoso, ao internalizar as imagens negativas da velhice, pode se tornar dependente ou doente ou simplesmente assumir posturas ou desenvolver comportamentos considerados típicos de idosos.

Neste ponto, quero destacar as dificuldades intergeracionais quanto à relação com a tecnologia, por pertencerem a tempos históricos diferentes. Enquanto as primeiras gerações que cresceram com esta nova tecnologia, passaram a vida inteira cercados e usando computadores, vídeo-games, tocadores de música digitais, telefones celulares, e todos os outros brinquedos e ferramentas da Era Digital, são denominados por Prensky (2001) denomina de *nativos digitais*. Todavia, aqueles que não nasceram no mundo digital, mas viverem a transição, que são em sua maioria os participantes desta pesquisa, viram a chegada dele e seus recursos e exigências são chamados de *Imigrantes Digitais*.

Há uma relação estabelecida com a tecnologia digital que é distinta para o jovem e para o idoso, além disso, cada idoso possui sua trajetória própria. Por esta razão, vale destacar a assertiva de Bourdieu (2007, p.164), ao afirmar que:

Cada condição é definida por suas propriedades intrínsecas e pelas propriedades relacionais inerentes à sua posição no sistema das condições, de posições diferenciais, ou seja, por tudo o que a distingue de tudo o que ela não é e, em particular, de tudo o que lhe é posto: a identidade social define-se e afirma-se na diferença.

Há idosos aos 40 anos, desgastados física e mentalmente, se considerarmos a labuta de certas atividades primárias, como empregadas domésticas, agricultores, motoristas, balconistas, bem como, há aposentados dinâmicos, saudáveis aos 70 ou 80 anos, ao considerarmos atividades mais relacionadas à produção intelectual. A condição material também definirá a qualidade de vida na velhice, afinal, a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável.

A promoção de uma qualidade maior nas relações geracionais é meio de desenvolvimento de potencialidades e fortalecimento de vínculos familiares e comunitários para uma melhor qualidade de vida, em especial, daqueles que envelhecem.

Ainda tratando a relação com a tecnologia, conseguimos constatar que os idosos compreendem a tecnologia e as ferramentas digitais como algo útil. Acreditam que dominá-las pode trazer benefícios. A inclusão digital para os sujeitos entrevistados trouxe resultados de suma importância para esse segmento, no que diz respeito à qualidade de vida, tais como: superação pessoal, obtida por meio dos esforços que eles fizeram no decorrer da aprendizagem; o usufruto dos benefícios digitais; a integração social por meio do acesso às redes de comunicação.

Os entrevistados sinalizaram que o contato com o computador serve como um recurso de inserção nos núcleos da família, além de contribuir para uma compreensão de superação, a partir do gradativo movimento de inclusão digital proporcionado pelos cursos. Tal como, uma consequente inclusão social e avanço na qualidade de vida desses sujeitos.

Silveira (2010) defende que a tecnologia computacional surgiu como forma de contribuição para redução do isolamento, na estimulação mental e, finalmente, no bem-estar da pessoa idosa, podendo também facilitar o processo de comunicação com parentes ou amigos, aguçando, desta maneira, as relações interpessoais ou promovendo encontro geracionais.

Nos segmentos selecionados, encontramos sujeitos que sofriam zombarias e sentiam-se limitados ao tentar se aproximar do computador em casa, por exemplo, ou por não dominar certos recursos das tecnologias digitais. É o que retratamos no depoimento escolhido:

"Eu acho que seria, por enquanto, só, né... Um curso específico, rápido de como lidar com o celular. Acho interessante. Tem muita coisa de celular que você não sabe mexer. É diferente de um moleque de 10 anos, de 12 anos. Eu gosto de ler o manual, tem gente que não tem esse problema.

Pega, abre e descarta o manual. Não. Eu não. Até o liquidificador eu tenho que ler o manual. Mas é o correto. Você não vai tomar um remédio sem ler a bula. Agora tem pessoas que não precisa disso, que nasceu na Era Digital. Só que eu não sei se isso é 100% saudável. Tem o outro lado. Se pegar a maioria dos jovens hoje que estão conectados, plugados no mundo tecnológico, 50% ou mais são alienados. Infelizmente. Esse que é o grande problema. Fica o dia todo acessando as redes sociais, mas de todos esses acessos eu diria que 50% não se aproveita" (S07, 67 anos)

Compreendemos que não basta somente aprender o domínio instrucional da máquina, são necessárias habilidades interpretativas e criativas que, por vezes, são limitadas pela baixa escolaridade dos sujeitos, e até mesmo pelo seu grau de letramento. De acordo com Piconez (2003, p.3), o Mobral⁴, por exemplo, mostrava que pessoas alfabetizadas por esse movimento estavam, um ano depois, “desalfabetizadas” pois tinham esquecido como ler e como escrever, devido à restrita possibilidade de acesso ao uso da leitura e da escrita. Assim, muitos alunos das turmas de Inclusão Digital também sentiam dificuldades por não possuir computador pessoal e ter contato com a máquina somente durante as aulas. Há um grupo denominado “terceira idade” que passa a, assim, ser expressão classificatória de uma categoria social bastante heterogênea. Essa noção mascara uma realidade social em que a heterogeneidade econômica e etária é muito grande. (PEIXOTO, 2003).

É um grande desafio, neste contexto, enfrentar a herança social de injustiça que exclui grande parte da população às condições mínimas de cidadania. Após análises dos dados citamos alguns aspectos sinalizados, por Castells (2002):

Um excluído digital tem três grandes formas de ser excluído. Primeiro, pode não ter acesso à rede de computadores. Segundo, pode ter acesso ao sistema, mas com uma capacidade técnica muito baixa. Terceiro, pode estar conectado à rede e não saber qual o acesso usar, qual a informação buscar, como combinar uma informação com outra e como a utilizá-la para a vida.

Neste sentido, não basta apenas ter acesso à máquina como meros consumidores, seja de produtos ou de informações, mas como sujeitos autônomos com poder de decisão. Consideramos, contudo, que há uma distância marcada pela desigualdade social, assim, as primeiras aproximações nos remetem a outras questões elucidativas: é possível oferecer mais que o conhecimento técnico na Informática, de maneira a

⁴ O Movimento Brasileiro de Alfabetização instituído, em 1968, durante a Ditadura Militar.

problematizar e contextualizar o conhecimento transmitido? Para, dessa forma, efetivamente, colaborar com a realidade social desses sujeitos.

Outro aspecto que destacamos é que tratamos com adultos que envelhecem antecipadamente. A qualidade de vida, nesse aspecto, pesa consideravelmente, envelhecer num cenário de desigualdade social tem suas peculiaridades. Em um país onde reinam a desnutrição, o analfabetismo, o desemprego, a negação dos direitos fundamentais, e tantas outras misérias, a velhice não entra como prioridade na lista das ações políticas.

5. Considerações finais

Neste ponto do artigo, refletir sobre os efeitos dessa inclusão digital para a qualidade de vida desses sujeitos, após padecerem com a inclusão digital espontânea, essa inserção compulsória dos indivíduos na sociedade da informação.

O computador para esses participantes era o segundo maior desafio, o primeiro consistia em sair de casa para estudar, a despeito dos comentários e descrédito da família. O sair de si, a superação em ultrapassar os condicionamentos culturais. O acesso ao conhecimento e a outro espaço relacional revela-se também como um aspecto fundamental para uma melhor qualidade de vida desse sujeito.

A inclusão digital passa a ser compreendida como inclusão social, portanto, fundamental para a qualidade de vida. A partir do conceito de qualidade de vida que a OMS (Organização Mundial da Saúde) apregoa, esse está vinculado à autoestima pessoal que compreende alguns dos seguintes aspectos: a capacidade funcional, o nível socioeconômico, o estado emocional, a interação social, a atividade intelectual, o autocuidado, o suporte familiar, o estado de saúde, os valores culturais, éticos e religiosos, o estilo de vida, a satisfação com o emprego e/ou com atividades diárias e o ambiente em que se vive.

São diversos os benefícios: melhoria das funções mentais, atividades de lazer promoção da inclusão social além das facilidades cotidianas. Esse estudo teve a intenção de demonstrar o impacto que o domínio das tecnologias digitais, da inclusão digital causa entre idosos e adultos em processo de envelhecimento. Sustentamos a premissa de que na vida adulta também é tempo para aprendizagem e desenvolvimento.

Referências bibliográficas

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W. GASKELL, George. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis:Vozes, 2002. p. 189-217.

BRASIL. **ESTATUTO DO IDOSO**. Lei nº 10.741, Brasília, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A juventude é apenas uma palavra**. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. P. 112-121.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**. Crítica social do julgamento. São Paulo: EDUSP, 2007.

BONILLA, Maria Helena. PRETTO, Nelson de Luca. **Inclusão Digital e polêmicas contemporâneas**. Salvador: EDUFBA, 2011.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

COMPLEXO CULTURAL DA UERN. Disponível em: <http://proex.uern.br/default.asp?item=ccuern-inicio>. Acesso em: 13/10/2017.

PALACIOS, J. COLL, Cesar. **Desenvolvimento psicológico e educação**. Psicologia Evolutiva 1. Porto Alegre: Artmed, 2004

PEIXOTO, Clarice Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idosos, terceira idade... IN BARROS, Myriam Moraes Lins. **Velhice ou Terceira Idade?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

PRENSKY, Marc. **Digital Natives, Digital Immigrants. On the Horizon**, Bradford, v. 9, n. 5, p. 2-6, out. 2001. [links]

SARMENTO, Manuel Jacinto. **O Estudo de Caso Etnográfico em Educação**. IN N. Zago; M. Pinto de Carvalho (Org.) Itinerários de Pesquisa – Perspectivas Qualitativas em Sociologia da Educação. Rio de Janeiro, Lamparina (2011)

SANTOS, Daiane Maciel. **O impacto da inclusão digital no cotidiano de idosos**. UnB, Brasília, 2012 (Dissertação).

NERI, Anita Liberalesso. **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. SP: Editora Abramo, Edições SESC, 2007.

NERI, Anita Liberalesso et alli. **Saúde, qualidade de vida e velhice.**
Campinas, SP: Editora Alínea, 2013.